



Agradecimento dona Ingrid

Agradeço, em primeiro lugar, a minha família e meus filhos, que me apoiaram totalmente neste projeto, nesta altura da vida. Em especial, agradeço aos esforços e a boa vontade de minha filha Laís, sem os quais esta minha proposta talvez não chegasse ao final. Meu agradecimento à minhas irmãs, Gudrun e Hildegard, que permitiram que nossa difícil jornada viesse a público. Ao Programa de Inclusão da Terceira Idade na Internet "O Aprendiz", a Izabel e minhas primeiras professorinhas, Aninha e Charlene, por sua paciência e dedicação. E, finalmente, a minha amiga Sílvia, que fez o primeiro contato com Priscila Perazzo, doutora em História, que se prontificou a colocar a minha disposição inúmeros volumes sobre guerra e espionagem – material ao qual eu não teria acesso de outra forma –, que deram credibilidade ao teor deste livro.

Copyright © Ingrid Helga Koster, Marcílio Godoi, Priscila Perazzo, 2010

Uma publicação da Editora Sagüi

Projeto editorial Memo Editorial

Produção executiva Laís Aguiar

Revisão Mônica Kalil

Revisão do alemão

Capa Marcílio Godói

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Godoi, Marcílio; Koster, Ingrid Helga; Perazzo, Priscila
Ingrid, uma História de Exílios / Marcílio Godoi, Ingrid Helga
Koster, Priscila Perazzo. - São Paulo: Editora Sagüi, 2010.
Bibliografia
ISBN 978-85-60096-40-4
08-09779 CDD-15

©2010

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Sagüi Ltda.

www.sagui.com.br

www.memoeditorial.com.br

A todos os imigrantes alemães, italianos e japoneses que
fizeram do Brasil sua pátria. – *Ingrid*

Aos brasileiros, descendentes de imigrantes, que, como
Ingrid, vivem ou viveram entre duas culturas. – *Priscila*

Ao tio Bene, que não me deixou esquecer. – *Marcílio*





1

Quando o vi pela primeira vez, ele estava do outro lado da rua. Minha mãe e eu menina, juntas no portão de casa, ansiávamos entre esperançosos gerânios e malvas esparsas pelos passos seguintes daquele homem que trazia consigo a continuação de nossa história parada no tempo. Coladas uma na outra no canteiro rústico daquele solar desbotado, pareceu-nos uma eternidade o tempo da passagem de algumas velozes bicicletas entre nós. Mas aquilo descortinou um novo tempo sobre a Terra.

Era apenas um vulto, lançado no tumulto de minha vida de menina órfã. Tinha modos medidos, gestos curtos, reservados, nos dedos longos da mão, como se guardasse ali uma gentileza pronta para nos estender a flor mágica, por aqueles tempos invisível a meus olhinhos fascinados, da proteção e do carinho. Uma lufada de água de lavanda desprendia-se do linho de seu terno bem cortado. Eu soube desde sempre que, de tal perfume, nunca mais me esqueceria.

Se já se destacava pela alta estatura, em meu pensamento ganhava contornos de herói cada vez que saíamos juntos ele, minha mãe e eu. Os cabelos claros, batidos na nuca, e o semblante calmo que sorria quando ele me erguia acima de todos com suas mãos de alabastro são fotografias impressas em minha retina, como se tiradas da luz de hoje pela manhã. Da primeira vez que o vi até o dia em que a tia anunciou a todos o casamento dele com minha mãe, o que vivi foi, em fantasia, fazê-lo pai. Os fatos aconteceram exatamente como em meus pensamentos mais secretos, um desejo que eu nem ousaria sonhar.

O conto de fadas se deu quando tia Hedwig pediu silêncio na sala de almoço, batendo com a colher do faqueiro de visitas na louça branca pintada de flores.

— *Ingrid, agora você precisa ir se habituando a chamar Herr von Schutze de pai, porque ele e sua mãe vão se casar!*

— Todos se abraçaram muito e cantaram muito e beberam muito e se divertiram muito, como era comum nas casas dos alemães radicados no Sul do Brasil, desde as primeiras décadas do século vinte. Eu mal alcançava a mesa coberta com a toalha branca rendilhada. Olhava para cima e via em cada sorriso uma certidão que comprovava minha entrada no mundo, minha entrada no céu daqueles que têm um pai.





Lembro-me de muito pouca coisa daquela sala, mas da luz tão clara que me invadiu a alma naquele momento eu nunca me esqueceria. Um relógio funcionário, irremediavelmente

germânico, o degrau em curva ao pé da escada, meu esconderijo secreto sob a grande cadeira de meu tio, por detrás do forro das cortinas, o que mais? Houve, sim, mesmo que tenha inventado tudo depois, intensamente eu sei que vivi, a volta ofegante em torno da grande mesa e o abraço mais triunfante e glorioso do universo. E eu o chamaria, dali para todo o sempre, pai.

Assim como minhas amigas e todas as outras crianças do colégio, eu agora também tinha meu pai. Com apenas uma pequena diferença: ele era mais alto, mais bonito, mais alemão e muito mais inteligente que qualquer outro. Porque todo outro a mim poderia ser qualquer, menos ele.

2

A Alemanha renascia do drama vivido na Primeira Guerra Mundial e um sentimento de orgulho florescia nos rostos de todo imigrante germânico. O país tinha um novo chanceler, pouco importaria seu nome a uma menina órfã que mal completara cinco anos de idade no interior no Brasil.

Mas dizia-se em toda a comunidade alemã que se tratava de verdadeiro líder, um ministro que trazia ares de renovação, que parecia ter tudo para redimir o povo da humilhação do passado, que representava esperança no futuro.

Meu futuro novo pai chegara ao país ao alvorecer do ano de 1920, por ocasião de um projeto de expansão de uma empresa de energia elétrica, uma multinacional alemã do setor energético, e eu o imaginava cruzando os campos, montando redes de força e luz país a fora, erguendo torres de aço, integrando o campo e as cidades em um emaranhado de fios, os quais, em minha imaginação, apenas ele poderia desfazer. Meu pai tinha a chave de abrir e fechar o mundo.

Da viúva desolada com criança de colo, quando o marido, meu pai biológico partira, vítima de uma infecção por bactéria aos vinte e seis anos de idade, pouco restou.

Minha mãe agora era uma mulher altiva, forte, amada. E o casamento a tornaria especialmente bela e confiante.





E eu, que já a via como rainha, passei a tê-la como uma espécie de deusa. Alta como nunca, os cabelos mais castanhos, cacheados no papelote, o pó facial e o *rouge* da Coty de volta à face, tudo isso junto ao sorriso novamente prene de sonho e de doçura que em tudo combinavam com a força carismática do novo marido.

Da janela do corredor do Fórum da cidade de Rio Negro dava pra ver um casarão imenso onde os pombos arrulhavam. Minha mãe e ele se casavam na sala ao lado, no civil, numa cerimônia discreta e muito simples. Eu esperava do lado de fora, num banco comprido, de madeira, e fitava atenta o grande prédio em frente. Contava até que se juntassem cinco aves ao mesmo tempo em uma mesma água do telhado. Na brincadeira típica de meninas daquele tempo, os pombos iriam confirmar meu destino, pousando juntos justamente na hora em que eu dissesse a palavra "casamento".
"Gosto,

